

Cidades

DOMINGO, 27 DE MAIO DE 2001

Monalisa Lins/AE



Puro luxo
 Grifes internacionais invadem as vitrines e batem recorde de vendas na capital. Pág. 3

Meu quintal
 Paulistanos revelam o que de melhor há nas coberturas dos prédios onde moram. Pág. 6



Dia da Mata Atlântica: SP tem pouco a comemorar

L.C. Leite/AE

Há somente 5% da vegetação que cobria a capital na época de sua fundação

JOSÉ GONÇALVES NETO

No Dia da Mata Atlântica, os paulistanos têm motivos para ficar muito preocupados em relação ao que resta na cidade de uma das florestas de maior riqueza em espécies animais e vegetais do planeta. Atualmente, há somente 5% da vegetação que cobria a capital na época de sua fundação. Nos últimos dez anos, mesmo com as inúmeras leis de proteção e a criação de parques e de Áreas de Preservação Ambiental (APAs), o desmatamento continuou acelerado, com uma perda estimada em 15% das matas remanescentes. "O verde na cidade corre perigo", alerta o professor titular do Departamento de Ecologia da Universidade de São Paulo, Waldir Mantovani.

A maior parte da vegetação de mata atlântica está confinada nos extremos norte, sul e leste da capital, regiões onde estão concentrados os maiores índices de crescimento demográfico e expansão urbana.

A falta de fiscalização, de uma política séria de uso e ocupação do solo e a expulsão para a periferia de populações carentes têm estimulado o aumento de loteamentos clandestinos. Os governos estadual e municipal não têm políticas específicas de preservação da mata atlântica na capital, contentando-se apenas com ações esporádicas.

Devastação – Como resultado, dados do Instituto Socio-Ambiental (ISA), baseados em levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que regiões como o entorno das Represas Billings e Guarapiranga, na zona sul, onde há considerável reserva de matas nativas, concentraram 72% de todo crescimento populacional da cidade, nos seis primeiros anos da década passada.

Entre 1989 e 1996, segundo João Paulo Capobianco, coordenador do ISA, as áreas próximas da Guarapiranga perderam 15% da cobertura vegetal. "Esse é um dos maiores índices de desmatamento no País", diz. Já a Billings perdeu



Capivari-Monos: uma das áreas ameaçadas em São Paulo

cerca de 7% da mata nativa entre 1989 e 1999.

Segundo levantamento da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, publicado no *Atlas Municipal do Verde*, lançado no ano passado, São Paulo teve uma perda de pelo menos 30% da já modesta cobertura vegetal existente, entre 1986 e 1999, incluindo áreas com vegetação nativa e de reflorestamento.

"Junto com a perda do verde, piora a qualidade de vida de quem mora na cidade", alerta Mantovani. Para o professor da USP, o paulistano tem um déficit de "bem-estar psicológico" e fica sem um importante fator de redução dos altos níveis de poluição atmosférica – que colocam São Paulo entre as 5 maiores capitais mundiais no ranking da poluição atmosférica.

Riqueza – Em meio a tanta devastação, locais como os Parques do Trianon, do Estado e da Cantareira são opções ainda preservadas do tipo de mata que havia em São Paulo na época de sua fundação e que estão abertas à visitação da população. "São bons exemplos, proporcionando alívio ao

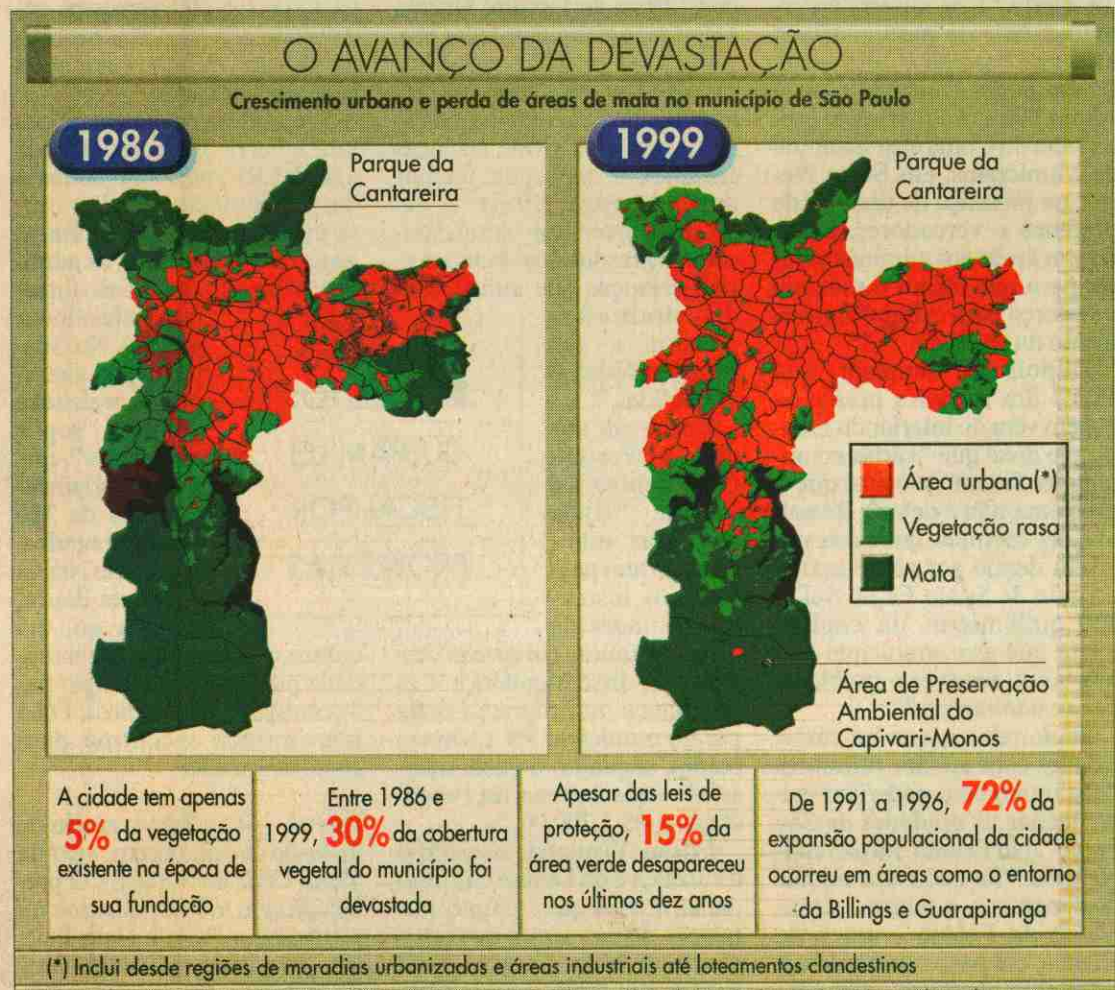
estresse urbano", ressalta Mantovani. Há ainda os 60 hectares de mata remanescente na área do Complexo Carandiru, que poderá tornar-se um parque, se forem concretizados projetos em estudo pelo Estado e Município.

Apesar de estarem constantemente sob ataque, as áreas remanescentes da cidade conseguem sobreviver graças a seu alto poder de recuperação. "Em dez anos, a mata consegue se recuperar, criando condições que atraem pequenos mamíferos e pássaros que povoam a região urbana", informa Mantovani.

De acordo com o especialista da USP, num único hectare de mata atlântica preservada na Cidade Universitária, zona oeste, foram catalogadas 400 espécies vegetais, sendo 150 de árvores diversas, pequis, jequitibás e jaracaran-dás. "É surpreendente a riqueza de fauna e flora e, nas encostas da Serra do Mar, a diversidade rivaliza com a da Amazônia."

O quadro ameaçador ocorre em todo País. Originalmente, a mata atlântica e seus ecossistemas associados cobriam 15% do território brasileiro – uma área de 1.290.692,00 quilômetros quadrados. Hoje, resta apenas 8% dessa vegetação, espalhada em 17 Estados brasileiros, abrangendo a faixa que se estende do Rio Grande do Sul ao Piauí.

Protesto – Desde 1992 trami-



O VERDE DA CIDADE CORRE PERIGO', ALERTA PROFESSOR DA USP

lhão de assinaturas e enviá-las ao Congresso. "São Paulo não tem um plano diretor; então é preciso que a sociedade se manifeste e aja para que essa situação seja revertida."

■ Mais informações nas págs. 4 e 5

Devastação da mata atlântica agrava escassez de água na capital

Redução das áreas de mananciais na Guarapiranga, na Billings e na Serra da Cantareira afeta a qualidade e a quantidade dos recursos hídricos, prejudicando o consumidor

JOSÉ GONÇALVES NETO

A perda das últimas reservas de mata atlântica em São Paulo é um dos principais fatores agravantes do atual quadro de escassez de água na cidade, de acordo com especialistas. “Com a devastação das matas em áreas de mananciais, como Guarapiranga, Billings e Serra da Cantareira, há menos água e de pior qualidade”, afirma João Paulo Capobianco, do Instituto Sócio-Ambiental (ISA).

Segundo dados do ISA, entre 1991 e 1996, o maior avanço populacional ocorreu em zonas de mananciais – como nas Represas Billings e Guarapiranga – que registraram 72% do total do crescimento em São Paulo nesse período. Entre 1991 e 1996, a expansão demográfica nessas áreas atingiu 4,6% ao ano, enquanto a taxa média do município foi de 0,4%.

“A migração de fora diminuiu, mas foi substituída por uma intensa migração interna, ocupando áreas antes protegidas. As pessoas não têm como pagar o aluguel e são expulsas para regiões afastadas, perto de mananciais das represas, pagando pouco por lotes clandestinos, sem infraestrutura”, diz Capobianco.

Assoreamento – O desmatamento, causado principalmente por loteamentos clandestinos, provoca erosão do solo nas margens dos rios que alimentam os mananciais e a própria represa. Com isso, toneladas de terra e lixo são levadas para o leito dos reservatórios. O fenômeno, conhecido como assoreamento, diminui a quantidade de água e piora a qualidade do restante dos recursos disponíveis.

Segundo a geóloga Patrícia Marraseppe, da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente, os loteamentos clandestinos que acabam com as últimas reservas de mata atlântica na Serra da Cantareira são diretamente responsáveis pela maior parte dos dejetos retirados diariamente do leito do Rio Tietê.

“Não há plano de drenagem que dê certo, quando pelo menos três Ibirapueras são devastados anualmente na Cantareira, criando uma quantidade enorme de dejetos, levados diretamente ao Tietê pelos córregos afluentes”, explica Patrícia.

Efeito – De acordo com especialistas em meio ambiente, qualquer perda na mata atlântica tem consequência direta sobre a oferta de água na cidade. A cobertura vegetal remanescente desse tipo de floresta e seus ecossistemas associados são responsáveis pela formação de mananciais, evitando a erosão e criando condições microclimáticas favoráveis ao acúmulo de água nos reservatórios naturais, além de alimentar os afluentes.

O professor titular do Departamento de Ecologia da Universidade de São Paulo Waldir Mantovani destaca os problemas causados pelo desaparecimento das matas que ainda restam na cidade. “Além da perda da sensação de bem-estar que espaços com vegetação oferecem, há efeitos práticos na oferta de água, pois, sem vegetação nos mananciais, a quantidade e a qualidade dessa água diminui.”

Sem controle – A opinião é endossada pelo professor de engenharia ambiental da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP) Ivanildo Hespanhol. “Áreas de manancial têm importância estratégica para o abastecimento de água e devem ser cuidadas para que sua qualidade não ponha em risco a saúde dos consumidores. Desde meados do século 19, é conhecido o conceito de manancial protegido, mas isso não foi lembrado por nosso Estado.”

Apesar de sua importância, pouco tem sido feito para preservar essa reserva estratégica para o abastecimento da cidade, alerta Capobianco. “As pessoas vem, ocupam e trazem seus parentes e amigos, aumentando o impacto sobre a ecologia, com mais despejo de lixo e esgoto”, enfatiza o ambientalista. “O poder público não tem feito nada de significativo para deter esse processo.”